

REPORTAGEM ESPECIAL

Sucessão exige renda, autonomia e planejamento, explica professor da UPF

O envelhecimento dos produtores rurais coloca em debate não apenas quem estará no campo nas próximas décadas, mas também a capacidade econômica das propriedades de incorporar uma nova geração. No Rio Grande do Sul, dados do Censo Agropecuário mostram o avanço da participação dos produtores mais velhos e a redução dos grupos mais jovens. Entre 2006 e 2017, a parcela de produtores com 45 anos ou mais passou de 61,2% para 70,9%, enquanto aqueles com menos de 45 anos recuaram de 38,8% para 29,2%. Para o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF), engenheiro agrônomo, Lucas Karlinski, a sucessão precisa ser tratada como uma questão de gestão, renda e continuidade do negócio rural.

Empresas & Negócios — O envelhecimento dos produtores rurais representa um risco para a continuidade da produção agropecuária do Rio Grande do Sul?

Lucas Karlinski — O envelhecimento da população rural é um desafio para a continuidade dos negócios familiares, especialmente quando não ocorre a sucessão e os jovens deixam o campo. Mas isso não significa necessariamente redução da produção. Podemos ter mudanças nos tipos de produtos, retorno de pessoas ao meio rural, novas oportunidades de geração de renda e avanços tecnológicos que reduzem a dependência de mão de obra, hoje um dos grandes gargalos do campo.

E&N - Qual é o retrato etário dos produtores rurais?

Karlinski - O Censo Agropecuário de 2017 mostra um perfil relativamente envelhecido. A maior concentração estava entre 45 e 54 anos, com 24,2% dos produtores, seguida pela faixa de 55 a 64 anos, com 23,5%. Aproximadamente 89% tinham 35 anos ou mais. Entre 2006 e 2017, a participação dos produtores com menos de 45 anos caiu de 38,8% para 29,2%, enquanto a dos produtores com 45 anos ou mais aumentou de 61,2% para 70,9%. O grupo com 65 anos ou mais passou de 17,5% para 23,2%.

E&N - É possível estimar quantos produtores deixarão a atividade nos próximos 10 ou 20 anos?

Karlinski - Não. A idade do produtor não significa necessariamente que ele deixará de produzir. Pode haver transferência da direção, permanência na atividade

em idade avançada ou mudanças na estrutura produtiva. O próximo Censo Agropecuário, com coleta prevista para 2027, será importante porque deverá trazer informações sobre sucessão familiar, além de tecnologias e outros aspectos da dinâmica da atividade.

E&N - Quantas propriedades têm hoje um sucessor definido?

Karlinski - Ainda não existem levantamentos abrangentes que permitam dimensionar esse número. A sucessão depende de fatores como tamanho da propriedade, atividade, rentabilidade, mecanização, localização, estrutura familiar e, principalmente, do interesse das novas gerações. Em alguns casos, ocorre dentro da própria família. Em outros, a saída do produtor pode resultar em arrendamento, venda ou reorganização da propriedade.

E&N - Do ponto de vista econômico, quanto uma propriedade precisa gerar para que o jovem veja o campo como uma carreira competitiva com a cidade?

Karlinski - Não existe um valor único. A rentabilidade depende do tamanho da propriedade, atividade, produtividade, custos, nível tecnológico, acesso a mercados, localização e capacidade de gestão. Além da renda familiar, o jovem precisa enxergar autonomia, participação nas decisões e possibilidade de construir uma renda própria. Uma propriedade pode ser rentável para a família e, mesmo assim, não ser atrativa para o jovem se ele não enxergar perspectivas profissionais.

E&N - Quais atividades têm maior capacidade de sustentar economicamente uma família e remunerar uma nova geração?

Karlinski - Não existe uma atividade isolada que garanta essa segurança. A produção rural está sujeita a variações de preços, condições climáticas e disponibilidade de mão de obra. A rentabilidade depende de escala, produtividade, custos, tecnologia, condições ambientais, acesso aos mercados e gestão. Em pequenas propriedades, a diversificação pode ser importante, combinando grãos, hortaliças, frutas, leite, criação animal e outras atividades.

E&N - A agregação de valor pode ser uma saída econômica para a sucessão?

Karlinski - Sim. Temos observado experiências de sucessão associadas à agroindustrialização, diversificação e criação de

produtos com identidade e maior valor agregado. Em vez de comercializar apenas a matéria-prima, o produtor pode avançar no processamento e na comercialização. A regularização e a obtenção de selos e mecanismos de inspeção podem ampliar o acesso a mercados e melhorar a remuneração. A questão não é escolher entre pecuária, grãos, leite ou fruticultura, mas encontrar a combinação de atividades, escala, tecnologia, gestão e comercialização capaz de gerar renda e criar espaço para a nova geração.

E&N - A divisão da propriedade entre herdeiros pode comprometer a viabilidade econômica do negócio rural?

Karlinski - Pode. Quando ocorre a fragmentação, uma área que apresenta escala suficiente para sustentar uma família pode, após sucessivas divisões, tornar-se pequena demais para garantir a renda necessária à continuidade da atividade. Isso pode contribuir para a venda ou o arrendamento. Por isso, o desafio não é apenas evitar a divisão da terra, mas encontrar uma organização patrimonial e produtiva que preserve a viabilidade econômica da propriedade e ofereça espaço para as próximas gerações.

E&N - Por que um jovem deixa uma propriedade que já tem terra e produção?

Karlinski - A renda é importante, mas não é o único fator. Um problema é a concentração da renda na pessoa que administra a propriedade. Se o jovem trabalha, mas não tem renda própria e precisa pedir dinheiro aos pais, pode não enxergar a propriedade como uma oportunidade profissional. A falta de participação na gestão e nas decisões também reduz sua percepção de autonomia. Além disso, entram fatores como educação, internet, lazer, saúde, infraestrutura e qualidade das estradas.

E&N - Tecnologia e gestão profissional podem mudar essa percepção?

Karlinski - Sim. A tecnologia e a mecanização permitem aumentar a eficiência e reduzir a dependência de mão de obra. Agricultura de precisão, automação, inteligência artificial e sistemas de gestão podem profissionalizar a administração e apoiar a tomada de decisões. A agroindustrialização, a venda direta e o acesso a novos mercados também criam oportunidades de renda. Programas como PAA, PNAE e Pronaf



Karlinski defende gestão no processo de continuidade no negócio rural

Jovem podem contribuir com comercialização, financiamento e investimento.

E&N - A sucessão pode melhorar a produtividade e o resultado financeiro da propriedade?

Karlinski - Não é possível estabelecer um percentual único de aumento de produtividade ou faturamento apenas pela mudança de gestão. Mas a sucessão pode representar uma oportunidade de modernização. A nova geração pode incorporar ferramentas de gestão, mecanização, agricultura de precisão, automação, tecnologias digitais e novas estratégias de comercialização. Para medir os resultados, é necessário acompanhar indicadores como produtividade por hectare, custo por unidade produzida, margem de rentabilidade, faturamento, grau de mecanização, diversificação e acesso a mercados.

E&N - O que precisa mudar para evitar uma ruptura na produção de alimentos nas próximas décadas?

Karlinski - A sucessão não depende de um único fator. Crédito, assistência técnica, educação, conectividade, infraestrutura, proteção social, acesso a mercados, gestão de riscos e planejamento sucessório precisam ser trabalhados conjuntamente. A Lei nº 15.178, de 2025, que instituiu a Política Nacional de Juventude e Sucessão Rural e o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural, é um marco por incorporar temas como acesso à terra, crédito, assistência técnica,

educação, geração de renda, comercialização, infraestrutura e conectividade.

E&N - O clima e a volatilidade dos mercados aumentam o risco para quem pretende assumir uma propriedade?

Karlinski - Eventos climáticos podem comprometer a produção, reduzir a renda e dificultar investimentos. Por isso, seguro rural, crédito adequado, tecnologias de adaptação e assistência técnica são importantes para aumentar a resiliência. Também precisamos reduzir a exposição às oscilações de mercado, com mecanismos de garantia de preços e políticas de comercialização. Não adianta estimular o jovem a assumir uma propriedade se a atividade não apresentar condições mínimas de sustentabilidade econômica.

E&N - Qual é a condição fundamental para que o jovem permaneça no campo?

Karlinski - O jovem não precisa apenas ter uma propriedade. Precisa enxergar nela uma oportunidade de construir renda, autonomia, qualidade de vida e um projeto profissional para o futuro. A sucessão não deve ser vista simplesmente como a substituição de uma geração por outra, mas como um processo de transferência de conhecimento, responsabilidades, gestão e patrimônio. É preciso combinar a experiência de quem construiu a propriedade com o espaço para que a nova geração possa inovar, assumir responsabilidades e construir seu próprio projeto de vida no campo.